

## O CURRÍCULO DO *BULLYING* NA NOVELA DA VIDA

---

Catarina Gonçalves\*

Fernando César Bezerra de Andrade\*\*

**RESUMO:** A violência na escola, assim como em outros espaços sociais, é um fenômeno multifacetado. Compreendendo esta questão, aborda-se uma de suas faces, o *bullying*, refletindo sobre os comportamentos que compõem este fenômeno a partir da análise de uma ilustração apresentada na telenovela *Caminho das Índias*. A opção por estudar a representação do *bullying* na novela deve-se ao fato de que a televisão ensina e forma modelos, constituindo modos de ser e pensar e contribuindo, assim, para a formação de currículos culturais. A partir da análise do fenômeno e de sua ilustração na referida telenovela, pode-se observar o papel da família no que concerne aos atos de violência praticados dentro das escolas. Contudo, ressalta-se também o papel das escolas na prevenção ou gestão do *bullying*, através da instituição de políticas e práticas de formação de valores em torno da não-violência e de educação para a paz.

**Palavras-chave:** Currículo cultural. *Bullying*. Gestão de violência na escola. Telenovela.

## THE CURRICULUM OF BULLYING IN LIFE AND IN A SOAP OPERA

**ABSTRACT:** Violence in schools, as well as in other social environments, is a multifaceted phenomenon. Understanding this issue, this study approaches one of its aspects, bullying, reflecting on the behaviors that constitute this phenomenon, by analyzing the illustrations presented in the soap opera called *Caminho das Índias*. The option to study the representation of bullying in the soap opera is due to the fact that television teaches role models and patterns of being and thinking, thus contributing to the construction of cultural curricula. Based on the analysis of the phenomenon and its illustration in the soap opera, it is possible to observe the role of the family in the acts of violence within schools. However, the role of schools must be also emphasized in order to prevent or manage bullying, through the establishment of policies and practices focusing on non violence and peace education.

**Keywords:** Cultural curriculum. Bullying. School violence management. Soap opera.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, na Linha de Pesquisa Estudos Culturais da Educação. Bolsista CAPES 2009/2010.

\*\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba.

**Extra, extra! Notícias de última hora: a violência virou manchete!**

As instituições educativas representam, para a sociedade, um espaço privilegiado para a construção da cidadania e para a promoção de uma educação voltada para a paz, sendo, muitas vezes, associada à possibilidade de mudança de uma sociedade marcada por problemáticas sociais das mais variadas manifestações.

Dentre os problemas sociais mais graves e necessários de serem pensados pelas escolas estão as manifestações de violências que marcam o cotidiano do povo brasileiro, em especial os habitantes dos centros urbanos, dentro e fora dos espaços de educação formal, ou seja, as escolas.

Tornou-se comum ligarmos a TV ou abrirmos os jornais impressos e nos depararmos com notícias de violência, cometidas por crianças e jovens, contra colegas de turma, provocadas, na maioria das vezes pelos motivos mais fúteis possíveis. Reportagens têm tratado desse problema, que acontece freqüentemente no interior de escolas do mundo inteiro.

Publicada no dia 29 de agosto de 2009 no Jornal do Comércio, um dos principais jornais de circulação do estado de Pernambuco, uma matéria nos informa que uma garota de 15, moradora de uma cidade satélite de Brasília, perdeu o rim após ser agredida por duas colegas de escola (JORNAL DO COMÉRCIO, 2009).

Menos de um mês após o fato citado, uma notícia publicada no site do jornal O Globo nos mostra que um garoto de apenas nove anos foi espancado por colegas da escola por ser gago. O menino, que precisou ser hospitalizado, sofreu uma lesão na coluna cervical (O GLOBO, 2009).

Ainda pensando em episódios dessa natureza, no mês de outubro do ano de 2009, um popular programa dominical de entretenimento trouxe a história de uma jovem, estudante universitária, que teve sua tranqüilidade interrompida ao adentrar na instituição de ensino superior a qual estava vinculada, no estado de São Paulo, com um vestido considerado muito curto pelos demais estudantes. Por este motivo, os alunos da faculdade começaram a agredi-la verbalmente, intimidando-a. Este episódio culminou quando a polícia chegou ao local, após ter sido chamada para escoltar a jovem até a saída do prédio (FANTÁSTICO, 2009).

Estes relatos são apenas alguns dos muitos sofrimentos vividos cotidianamente por crianças e jovens brasileiros e de vários lugares do mundo. Têm em comum o fato de retratarem violências sofridas por sujeitos que não motivaram tais acontecimentos, além do fato de representarem agressores permeados por atitudes de intolerância, fazendo uso de várias formas de violência: física e moral.

Tais comportamentos de incivildades tornaram-se uma realidade com a qual os professores e professoras defrontam-se nas salas de aula de todos os segmentos de ensino, o que vem a gerar demanda sobre como lidar com tais situações.

Observando a literatura que retrata as práticas de violência, há autores e autoras que se dedicam a entender algumas daquelas que se manifestam entre pares na escola e fora dela, nomeando-as por *bullying*<sup>1</sup>. Este vocábulo, de origem inglesa, é derivado do termo *to bully*. Define o desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão. Por isso, *bullying* (substantivo) vem a ser as práticas de intimação de um (ou mais) autor(es), intimidador(es), contra outras pessoas. Além destas questões, os comportamentos envolvidos

---

<sup>1</sup> No Brasil ainda usamos o termo em inglês, assim como em outras localidades do mundo, por não termos vocábulo que englobe as variadas manifestações que compõem o bullying. (FANTE, 2005)

nas práticas citadas caracterizam-se também pelo caráter repetitivo e por uma relação desigual de poder:

O bullying não pode ser caracterizado como conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas como verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos (CONSTANTINI, 2004, p. 69).

Pesquisas mundiais apontam que de 5% a 35% dos alunos estão envolvidos nas práticas que compõem o *bullying*. No Brasil, um estudo realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) entrevistou 5.482 adolescentes, dos quais 40,5% (2217) admitiram ter tido algum tipo de envolvimento direto na prática do *bullying*, seja como espectador, alvo e/ou autor.

Além da alta incidência nas escolas, os estudos sobre o *bullying* vêm apontando que o referido fenômeno pode ser capaz de destruir a psique de crianças e adolescentes, uma vez que, envolvidos em tais práticas, os mesmos “apresentam maior probabilidade de desenvolver comportamentos depressivos em idade adulta, carregando como consequência da vitimização a perda da auto-estima” (Olweus apud FANTE, 2005, p.79).

Os estudos sobre *bullying* são relativamente recentes, surgindo a partir dos trabalhos do pesquisador Dan Olweus que, motivado pelo inexplicável suicídio de três adolescentes, iniciou seus trabalhos de pesquisa em torno da temática. No Brasil, tomaram fôlego com a pedagoga Cléo Fante no início do século XXI. Indício disso são os dados obtidos na tese doutoral de Catini (2004), segundo os quais, dos 843 trabalhos encontrados com a palavra-chave *bullying*, entre 1968 e 2004, 472 compreenderam o período de 2000 a 2004.

Os atos que compõem o fenômeno *bullying* são manifestações violentas apresentadas de forma velada, que só são possíveis de serem percebidas nas entrelinhas das relações sociais, pois, muitas vezes, passam por comportamentos caracterizados como brincadeiras tipicamente da infância ou conflito natural entre pares, o que não é verdade, uma vez que no *bullying*

há intenção de prejudicar e o comportamento persiste por certo tempo, sendo danoso à auto-estima da vítima e mantido graças ao poder exercido sobre esta, por diferença de idade, força, tamanho ou gênero. Num conflito normal entre pares, os envolvidos fornecem os motivos da discórdia, se desculpam, negociam entre si para satisfazerem suas necessidades, não persistem no comportamento para conseguir as coisas ao seu próprio modo (WEINHOLD apud CATINI, 2004, p. 16).

As manifestações mais comuns de *bullying* na escola são as presenciais, que, segundo a ABRAPIA, caracterizam-se pelos seguintes atos: apelidar: 54,2%; agredir: 16,1%; difamar: 11,8%; ameaçar: 8,5%; pegar pertences: 4,7%. Vale ressaltar que, embora as manifestações de violências citadas sejam as mais comuns, não são as únicas que merecem atenção, nem as únicas formas como o fenômeno se apresenta.

Além da modalidade do *bullying* presencial, há o *cyberbullying*, que também é conhecido como *bullying* virtual. Esta modalidade do fenômeno manifesta-se quando os

autores, através de ferramentas da internet e de outras tecnologias de informação e comunicação, causam sofrimento às vítimas (FANTE, 2008b).

Sejam presenciais ou virtuais, as conseqüências de uma vida marcada pelo *bullying* geralmente são graves, pois, para os alvos, o sofrimento atua de maneira a produzir traumas severos, uma vez que “fora dos muros da escola, um jovem que sofre intimidação pode escolher trocar de grupo ou companhia, mas dentro da sala de aula é obrigado a conviver com seus companheiros durante todo seu percurso escolar” (CONSTANTINI, 2004, p. 74).

Tais conseqüências não se esgotam apenas no período escolar. Os impactos na vida das vítimas podem afetar suas vivências futuras, levando, muitas vezes, os envolvidos a desenvolverem comportamentos agressivos ou depressivos e, ainda, sofrerem ou praticarem *bullying* no seu local de trabalho, em fases posteriores da vida. Já os autores tendem a ser adultos violentos e se envolver em situações de delinqüência na fase adulta (FANTE, 2008a).

Compreendendo os efeitos devastadores por trás do fenômeno, não cabe outra postura aos educadores, educadoras e às famílias que não aquela direcionada à compreensão e ao combate das situações que o envolvem, inclusive porque esta postura torna-se um dever, quando analisamos o artigo 18º do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que nos afirma ser “dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

Para compreender melhor o *bullying* e, assim, poder intervir de maneira mais eficaz, é necessário caracterizar os envolvidos, entendendo o papel de cada um nas relações e suas características de interação, visto que no *bullying* há autores, alvos e espectadores.

A atual literatura sobre o fenômeno aconselha que utilizemos as expressões alvos de *bullying* e autor de *bullying* à vítima e agressor respectivamente, na tentativa de evitar preconceitos por parte dos agentes que trabalham com situações problemáticas em que haja essa forma de violência (TOGNETTA & VINHA 2008, p. 202).

Caracterizando estes envolvidos, encontramos os alvos, que podem ser divididos em típicos e provocadores. Os típicos são frágeis ou têm físicos fáceis de serem estereotipados. Demonstram passividade, o que sinaliza aos autores a possibilidade de violentá-los. Os provocadores apresentam o perfil parecido com os típicos, mas tentam reagir contra seus autores; contudo, reagem de maneira ineficaz.

Os autores são, aparentemente, seguros de si, autoconfiantes, apresentam facilidade de comunicação e poucos limites diante dos outros e das normas. Escolhem seus alvos a partir do fato de perceberem neles algo que os tornem diferentes e/ou frágeis.

Por fim, temos os espectadores que, segundo Tognetta e Vinha (2008), procuram assumir a posição de fora do jogo, ao mesmo tempo em que tendem a se submeter aos desejos dos autores, não porque concordam com eles, mas por medo de se tornarem alvos futuros e por perceberem que, diante do grupo, é melhor ficarem do lado dos “mais fortes”. O que diferencia bem os espectadores dos alvos é o fato dos primeiros não demonstrarem tanta fragilidade.

A partir do exposto, tratamos do *bullying* utilizando a ilustração feita por uma telenovela brasileira, que trouxe representações desta manifestação de violência dentro de uma fictícia escola. Nosso objetivo é entender a representação da “mídia, particularmente a televisão, como um dispositivo que integra o aparato pedagógico das sociedades governamentais

modernas, ensinando muitas coisas, entre elas um conjunto de verdades que compõe o currículo cultural” (COSTA, 2002, p. 2 e 3).

Compreendemos este tipo de currículo como “um conjunto mais ou menos organizado de informações, valores e saberes que, via produtos culturais (neste caso os audiovisuais), atravessam o cotidiano das pessoas e interferem em suas formas de ver, de sentir, de pensar e de aprender” (MOITA, 2006 p. 14).

Compreender os ensinamentos transmitidos em um dado contexto histórico e social por este currículo constitui-se numa importante tarefa, visto que ele nos apresenta a maneira pela qual a sociedade constrói, ressignifica e estrutura seus valores e suas ações, explicando, justificando e até, eventualmente, questionando, as relações sociais existentes.

### ***Bullying* na escola: o que aprendemos a partir do currículo (nos capítulos) da novela?**

O *bullying* na escola, embora não seja um fenômeno recente, vem ganhando notoriedade nos últimos anos. Abramovay (2001), analisando historicamente os estudos sobre violência no mundo, aponta para o foco dos mais antigos sobre a violência do sistema escolar, enquanto os estudos contemporâneos recaem, prioritariamente, sobre a análise da violência entre alunos ou destes contra a propriedade e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos.

Em recente novela do chamado horário nobre da televisão brasileira, **Caminho das Índias**, escrita por Glória Perez, dirigida por Marcos Schechtman e exibida durante o período de janeiro a setembro de 2009, esse último foco da violência foi retratado, contemplando uma temática já noticiada por vários meios de comunicação. Entender a forma como esse problema foi apresentado nesse artefato cultural é o objetivo deste artigo.

Se levarmos em conta que a televisão – por sua difusão massiva após a Segunda Guerra e por fazer um uso potencializado dos apelos estéticos da imagem – é considerada o mais poderoso artefato cultural midiático da segunda metade do século XX, toma-se cada vez mais importante que examinemos como ela repercute na educação (COSTA, 2002, p. 4).

Na novela, professores e pais viveram uma situação angustiante, na qual os comportamentos dos jovens que compunham o corpo discente de uma escola privada de ensino médio, motivados pelo desejo consciente e deliberado de provocar sofrimento aos outros, além de ausência de modelos moralmente desejáveis, praticavam atos violentos dentro e fora da escola, comportando-se inadequadamente em sociedade.

Os comportamentos apresentados no interior da instituição educativa da referida novela são caracterizados por vários tipos de violência. Utilizando a categorização de Charlot (apud ABRAMOVAY, 2001), poderíamos citar, dentre as várias práticas de violência cometidas pelos alunos, condutas que podem ser consideradas como violência propriamente dita (crimes, atos de vandalismo, agressões físicas etc.); incivildades (humilham colegas e funcionários da escola, utilizam palavras grosseiras, faltam com o respeito para com os outros etc.); e, por fim, violência simbólica ou institucional (a escola não enxerga os atos dos alunos e não os pune).

Percebendo que havia várias manifestações de violências nessa fictícia escola, que tentou retratar o cotidiano de milhares de instituições de ensino, quer públicas, quer privadas, de diferentes camadas sociais, analisam-se neste estudo as práticas de violência cometidas por

um aluno, Zeca contra outro, Indra, observando o tratamento dado pela trama ao tema e às relações entre os sujeitos. Isso é não só possível, mas relevante, já que “a telenovela é um artefato cultural que institui lugares e identidades da vida real, em um dado momento histórico e cultural” (RODRIGUES, 2006, p. 56).

No caso do *bullying*, tal como é narrado em **Caminho das Índias**, isso aparece quando Zeca apresenta condutas antissociais (desde a menor incivildade até violências físicas mais graves), tendo Indra como seu alvo recorrente. Nesse enredo, relevante para a compreensão do currículo cultural que começa o enfocar o *bullying* como problema público, destaca-se, também, o papel da escola e da família, em especial as características e o destino atribuídos a cada um desses âmbitos sociais, ao longo da trama, até seu desfecho.

Busca-se, aqui, compreender a maneira pela qual o *bullying* foi visto e tratado em **Caminho das Índias**. Para isso, pretendemos afastar-nos das análises de programas que, segundo Costa (2002), demonizam a televisão. Neste estudo, afirma-se que o gênero novela representa uma importante expressão cultural do nosso tempo, configurando-se como um conjunto de obras que precisam ser examinadas e discutidas em função do que produzem na cultura das sociedades, assim como na constituição do sujeito contemporâneo.

Nos últimos anos tem sido comum que as novelas, sobretudo as exibidas no horário nobre da televisão brasileira, tratem de temas sérios do cotidiano da vida real, buscando reforçar o caráter verossímil representado pela teledramaturgia. Na novela contemplada neste estudo, por exemplo, muitos temas podem ser citados a fim de exemplificar esta questão: doenças de ordem psíquica, tais como a esquizofrenia e psicopatia, entre outros, chegando às relações de violência que caracterizam muitos espaços educacionais.

No elenco que ilustrou o núcleo que retratava a escola e seus conflitos, havia Zeca, que foi definido como filho único de um casal tipicamente de classe média alta carioca. Ele e sua família acreditavam que quem tem dinheiro pode tudo. Na escola, ele era popular, encontrando-se dentro dos padrões de beleza viris vigentes (exibia seus músculos, era loiro de olhos azuis). Usava o prestígio que possuía diante dos colegas para intimidar outro estudante de sua sala de aula, que, em sua opinião, fugia do que ele considerava convencional.

Por sua vez, Indra tinha nacionalidade indiana. Morava com a sua mãe, uma viúva e, embora vivesse no Brasil, sua família continuava cultivando os hábitos de sua terra natal. Ele era um garoto cordato, respeitoso, sério; seu nome, incomum, terminava em “a”; na escola era o aluno perfeito; embora seu físico não fosse fácil de ser estereotipado, seu nome e seus hábitos eram. Além disso, as estratégias utilizadas por ele para se defender eram, quase sempre, ineficientes o que, segundo FANTE (2005), permitiria caracterizá-lo como uma vítima provocadora, objeto de repúdio e zombaria, em especial de Zeca.

A novela progrediu colocando esses dois jovens em interação, na tentativa de retratar relações de violência dentro da escola, ocasionadas por modelos específicos da contemporânea família capitalista.

Pensando nas interações entre os dois, podemos observar que Zeca, com o intuito claro de constranger seu principal alvo, fez uma leitura de revista, na qual constava uma reportagem sobre Gandhi, ridicularizando esta personalidade indiana em função de suas vestes. Além de direcionar o deboche para a matéria, Zeca aproveitou a oportunidade para ridicularizar Indra, perguntando se o mesmo não usou saia para ir à escola. Neste momento, buscando se defender, Indra faz a seguinte afirmação: “- Olha só, esse cara de saia, aí, é o Gandhi. Sabe quem é o Gandhi? Ele fez a independência na Índia sem dar um tiro, sem fazer guerra com ninguém.”

Embora Indra tenha seus argumentos, a sala de aula apóia Zeca em suas humilhações, rindo e causando mais constrangimento ao jovem. Além disso, os demais alunos da sala ficam

“surdos” diante dos contra-argumentos do alvo e Zeca demonstra prazer com tal situação. Essas manifestações são características marcantes do *bullying*, pois, segundo Tognetta e Vinha (2009), o agressor precisa ter um público aquiescente em seus ataques a um alvo, pela necessidade de manter uma boa imagem de si diante dos outros.

Em outro episódio, o valentão agride fisicamente Indra na quadra da escola, na frente de outros alunos que, imóveis, assistem às cenas de violência contra o colega de sala, inertes aos pedidos de socorro ecoados pelo alvo. Segundo a literatura (TOGNETTA & VINHA, 2008), esse comportamento de omissão é comum, visto que os espectadores desenvolvem medo de serem punidos pelas autoridades, de se tornarem a próxima vítima, além do fato de acreditarem que, para manterem uma imagem positiva de si, precisam ficar do lado mais forte, ou seja, ao lado do autor.

Dando seqüência aos comportamentos violentos, Zeca rouba o computador da sua professora com o objetivo de incriminar seu alvo. Para isso, coloca o aparelho dentro do armário de Indra, que, injustamente, é acusado do roubo do objeto pelos colegas, assim como pela professora e diretora da escola.

Estes são apenas alguns dos relatos do sofrimento vivido por Indra no folhetim **Caminho das Índias**. Cotidianamente, o estudante é intimidado e, frequentemente, sofre agressões físicas dos colegas, apresentando dificuldade de resolver esses conflitos.

Ao trazer a violência presente nas relações entre pares nas escolas de classe média, o folhetim nos leva a pensar sobre a temática, refletindo a maneira pela qual a escola tem lidado com esta questão e como tem resolvido os conflitos dessa natureza.

Não podemos ficar indiferentes ao fato de que a linguagem utilizada pela novela, na resolução dos conflitos de *bullying* na escola, “interpela as escolhas e decisões cotidianas de milhões de cidadãos e cidadãs, participa da produção da identidade de pessoas, de grupos e de populações inteiras, ao mesmo tempo em que opera na constituição da subjetividade de cada um” (COSTA, 2002, p. 11).

Assim, iniciando a análise sobre essa questão, observa-se que a escola demonstrou duas características marcantes diante do conflito pelo qual ela passou: omissão e incompetência. Para refletir sobre o primeiro tópico, baseamo-nos no fato de que a escola, muitas vezes, não conseguiu enxergar a realidade violenta que se desenvolveu dentro dela.

A “cegueira” demonstrada pela referida instituição não é um fato isolado. Tognetta e Vinha (2008) afirmam que o *bullying* é um fenômeno escondido, visto que os alvos normalmente não se manifestam e, frequentemente, os professores não estão atentos a esse tipo de intimidação, por não os atingir diretamente.

Segundo um estudo desenvolvido por Simmons (2004), a incapacidade em perceber e, conseqüentemente, resolver situações de violência entre pares é comum, sobretudo quando os autores não utilizam da modalidade violência física. Relatando uma entrevista feita a uma adolescente sobre a resolução de conflitos na escola, a referida autora traz o seguinte depoimento:

Lembrei logo de filmes de terror em que só as crianças conseguem ver o fantasma. Os adultos passam pelas mesmas salas, vivem os mesmos conflitos, mas são incapazes de ver todo um mundo em atividade a sua volta. (...) Nas salas de aulas as vítimas estão desesperadamente sozinhas mesmo com os professores ali pertinho. (SIMMONS, 2004, p. 37)

Na escola fictícia de **Caminho das Índias**, o alvo também aparentava ser um personagem dos filmes de terror. Apresentando incapacidade de se desvencilhar das situações vividas na escola, o mesmo não contava com o apoio da instituição na qual estudava, pois a mesma não conseguia perceber claramente o papel do autor e do alvo, confundindo, algumas vezes, quem ocupava cada função nessa relação.

Embora a literatura aponte que o *bullying* é um fenômeno escondido, é importante destacar que tais atitudes “são veladas aos olhos da autoridade, mas não aos olhos dos pares, que compõem um mesmo grupo social.” (TOGNETTA & VINHA, 2009, p. 212). Assim, enquanto os professores não enxergam as situações de violência que se desenvolvem no âmbito do currículo em ação, crianças e jovens assistem na platéia a tais manifestações.

Essa afirmação nos faz pensar que, embora os educadores muitas vezes não consigam presenciar situações de *bullying* e intervir nelas, a escola deve estabelecer maneiras de mapear a realidade, utilizando o conhecimento das crianças e jovens sobre o assunto. No Brasil, por exemplo, Fante (2005) fez uso de questionários aplicados a alunos, buscando conhecer a realidade do *bullying* em escolas nacionais e, conseqüentemente, poder intervir. O fato dos educadores não verem as situações de *bullying* não retira da escola a responsabilidade de enfrentar esta problemática.

No que se refere à ausência de competência para resolver o problema, observa-se que o enredo nos fez acreditar que os comportamentos executados por Zeca eram consequência exclusiva das atitudes de sua família. Essa acusação torna-se perceptível no enfoque dado pela trama, que sempre relacionou uma infração de Zeca aos comportamentos de seus pais.

Essa representação da família de Zeca pôde ser observada na exibição de um capítulo no qual o garoto foi preso por depredar o patrimônio público. Ao ser chamado na delegacia, o seu pai mostrou-se indignado, afirmando que seria um absurdo um menino ser preso por conta de uma lixeira, visto que todos os jovens têm atitudes dessa natureza.

Embora concordemos com o fato de que a família tem um papel fundamental na formação moral dos sujeitos, não se pode colocá-la como a única (nem mesmo a principal) responsável pelas atitudes de seus descendentes. Esse fato também é destacado por Avilés (apud TOGNETTA & VINHA, 2008, p. 209), que afirma ser o “*bullying* um fenômeno multicausado”. O âmbito familiar é um importante aspecto no desenvolvimento dos sujeitos, mas é apenas um aspecto.

Compreendendo que há outros cenários sociais na vida de Zeca, precisamos refletir também acerca das atitudes manifestadas pela escola, visto que esta instituição também tem um peso grande na formação moral dos indivíduos. Quais políticas foram criadas dentro da escola para prevenir e ajudar a combater as práticas de *bullying*? Até o final da trama, a escola da ficção não trouxe alternativas eficientes na resolução de conflitos, tendo como principal postura as reuniões com os pais, mães ou responsáveis, esperando que eles e elas conseguissem solucionar aquilo de que a instituição não dava conta.

Outra prática utilizada foi a realização de palestras sobre o tema, convidando profissionais que, de forma inadequada e/ou simplista, abordaram a temática. Em um dos capítulos no qual o tema foi tratado a partir dessa estratégia pedagógica, a professora iniciou a aula afirmando que naquele dia falaria de um tema muito importante: o *bullying*. Prosseguiu afirmando que muitas pessoas daquela sala, inclusive ela, a professora, sofriam em função do *bullying* praticado por alunos da escola. Nessa ocasião, referindo-se ao *cyberbullying*, a professora disse:

Lembra, Indra, quando criaram páginas na internet utilizando o nosso nome? Isso foi muito brabo. Foi chato mesmo, muito chato. Fomos



submetidos a uma série de humilhações. Eu hoje vejo que muita gente nesta turma continua sofrendo humilhações, perseguições...

[Um aluno interrompeu a professora e afirmou:]

Inclusive por parte dos professores, não é, professora?

[Toda a turma sorriu. Continuando, a professora falou:]

Não vou negar que isso acontece também. Por isso, nos vamos receber aqui a Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do livro *Mentes Perigosas*<sup>2</sup>, que estuda a mente dos psicopatas. Ela vem aqui falar sobre o próximo livro dela, que é justamente sobre o *bullying*.

Analisando o discurso da Professora Berê, observamos que ela compreende as violências que sofreu no mesmo patamar daquelas vividas por seus alunos, ao sugerir que os professores são vítimas de *bullying* por parte de alunos. Nesse sentido, a novela confunde o telespectador, levando-o a misturar *bullying* e assédio (no caso, o moral — que se dá em relações verticais), negando uma característica importante do primeiro fenômeno: a horizontalidade da relação, que faz com que o *bullying* seja uma violência entre pares.

Ao analisar a palestra da escritora convidada, identificamos a seguinte explicação:

Vocês devem estar pensando: o que eu vim falar sobre psicopata em uma turma onde todo mundo tem carinha de anjo e de pessoas muito legais?! Na verdade, a gente veio falar de *bullying*, que é um tipo de violência. Toda vez que a gente permite que a violência se propague, a gente está deixando que a sociedade possa ter valores psicopáticos. *Bullying* é coisa séria e antes de vocês me perguntarem o que é *bullying*, eu vou explicar que é toda vez que comportamentos do tipo: colocar apelidos pejorativos, difamar, dar petelecos, brincadeiras sem graça, sem o menor humor, acontecem, isso é *bullying*. São ações travadas entre alunos, entre alunos e professores, entre professores e alunos. Ou seja, *bullying* é um tipo de violência; violência que ocorre no território da escola e fora da escola, mas que tem origem dentro da escola. É preciso evitar qualquer tipo de violência, seja por intolerância, por credo, por culturas diferentes, por opções sexuais. Nenhuma violência pode ser tolerada.

Os alunos aplaudiram e, assim, terminou a palestra. Entendemos que o discurso da autora do livro apresentou uma série de questões que precisam ser criticadas. A primeira delas relaciona-se ao fato de iniciar sua fala indagando sobre a necessidade da palestra a partir da aparência física dos alunos. Pessoas com expressões de “anjo” e de “legais” também podem fazer mal aos outros. Não é a aparência física que determina as condutas.

Outro ponto que merece ser destacado é o fato da autora do livro ter relacionado as ações de *bullying* a brincadeiras, partindo do senso comum em nossa cultura. Comportamentos de *bullying* não podem ser vistos como brincadeiras, visto que não há apenas pessoas se divertindo como nos momentos de lazer. Embora ela tenha adjetivado o substantivo “brincadeira” com as expressões “sem graça” e “sem o menor humor” não podemos tratar brincadeira como sinônimo de ato violento. Quando a violência está mascarada na brincadeira, descaracteriza-a. No *bullying* há sempre alunos que estão sofrendo, construindo uma identidade abalada. Na brincadeira de fato, isso não acontece. Todavia, considerando a intencionalidade na construção dos diálogos de uma novela, pode-se

---

<sup>2</sup> O livro, publicado pela editora Fontanar, trata da mente dos psicopatas.

reconhecer um aspecto importante na fala de Silva: muito do que se mostra como realmente violento é aprendido como conduta desculpável (o que seria denominado “brincadeira”), graças ao currículo oculto que legitima o *bullying* nas interações cotidianas.

Esta realidade de não encontrar estratégias eficientes para lidar com o problema da violência na escola, apresentada pela novela, não se limita à ficção. Escolas reais do mundo inteiro vivenciam o drama aqui encenado. A ausência de capacidade para lidar com situações de natureza similar às retratadas no folhetim tem sido apontada como um grande problema. Ademais, no contexto das escolas privadas, o aluno é cliente e, assim, seguindo uma concepção mercantil, frequentemente tende a ter razão. Esta visão de aluno-cliente por vezes paralisa as escolas diante de uma função que é eminentemente sua: fornecer os limites necessários para que os seus educandos consigam viver de forma responsável na sociedade.

Para combater o *bullying*, é mister o estabelecimento de parcerias com as famílias; mas é também importante estabelecer políticas internas de prevenção e intervenção, o que não foi contemplado pela escola em foco.

Analisando a família do autor, os pais são representantes de um comportamento bastante comum em nosso país, mas que causa certa repulsa quando é evidenciado: a excessiva indulgência com qualquer conduta do filho, que era infantilizado e de tudo desculpado. Isso porque, de modo geral, a novela teve a preocupação de fazer a abordagem desse tema tão polêmico de forma educativa, caricaturando os pais e seus atos, buscando inquietar os telespectadores. O objetivo foi alcançado. Uma prova disso é que, em entrevista ao blog UOL Educação, Glória Perez afirmou ter recebido inúmeras cartas de mães revoltadas, dizendo que Zeca foi um personagem criado para demonizar estudantes de todo o país (HARNIK, 2009).

É importante pensar a forma como a novela tratou a questão do *bullying* e seus envolvidos, visto que “os meios de comunicação não só moldam o que pensamos sobre a realidade exterior, mas definem, sobretudo, uma pauta daquilo sobre o que é necessário ter uma opinião e discutir” (RONDELLI, 1998, p. 30).

Embora compreendamos a perspectiva de **Caminho das Índias** e de sua autora, precisamos refletir de forma crítica sobre as atitudes representadas pela família da qual Zeca era membro, destacando características que contribuem para a prática de *bullying* na escola. Não basta afirmar que os pais são os “causadores” das atitudes inadequadas do filho. É importante também registrar de que forma eles contribuíram para tais atitudes.

O primeiro ponto a ser focado é que os mesmos resolveram todos os problemas utilizando o “jeitinho brasileiro”, buscando poupar Zeca das consequências dos seus atos. Isso se evidenciou em muitos capítulos da novela. Podemos citar o dia no qual César, o pai de Zeca, foi convocado para uma reunião na escola. Na ocasião, debochou da professora do filho, quando ela afirmou que o motivo da convocação da reunião seria o sumiço de seu computador pessoal. Ele afirmou que o computador dela já fora achado e, por isso, o assunto deveria ser encerrado e, em seguida, ainda caçoou dela quando a professora fez um apelo aos pais, solicitando que eles criassem cumplicidade com a escola.

O pai de Zeca foi então informado que o seu filho fora o responsável pelo sumiço do computador e, então, iniciou o seguinte diálogo:

Vocês não fazem questão nenhuma de esconder a perseguição ao Zeca. Ou então estão adorando conversar comigo... Segunda convocação em uma semana!

A professora tentou explicar o fato, dizendo que a escola convocara um especialista para analisar alguns materiais de cunho pornográfico encontrados no computador da professora após o sumiço do mesmo. O especialista esclarecera que o material encontrado no computador da professora saiu do e-mail pessoal de Zeca, o que seria uma prova de seu envolvimento em tal ato. Porém, o pai reiterou a defesa do filho:

Isso é coisa de garoto! A senhora é uma profissional em lidar com adolescentes e deveria saber disso. Eu não conheço nenhuma lei que impeça um adolescente de se comportar como um adolescente. Você conhece?

É fato que a cena acima caracteriza claramente que os pais não estão preparando o filho para conviver em sociedade, o que é um grave problema, pois, como afirma Parolin (2003, p. 8):

Instrumentalizar a criança e o adolescente para o exercício pleno de sua cidadania é, antes de tudo, localizá-la(o) em seu contexto socioafetivo, e essa tarefa inicia-se em casa e é reelaborada pela escola e outros segmentos da sociedade.

Além de superprotegerem o filho, os pais são apresentados como arrivistas sem escrúpulos, guiados por interesses materiais. Nesse sentido, não oferecem modelos pró-sociais, revelando preconceitos e desrespeito a diferenças, como pode ser observado em várias cenas da novela. Numa delas, conversando com o filho, César afirma que o pobre tem dois defeitos: fazer aniversário todo ano e querer comer todos os dias. Essa afirmação conota a ideia de que quem não possui dinheiro não tem direito à garantia das necessidades básicas, como, por exemplo, a alimentação. Em outra, repetida várias vezes, Zeca atirava ovos da sacada de seu apartamento sobre os transeuntes, ante o olhar maroto do pai; a mãe só o interpelava para pedir que usasse ovos comuns (e não os especiais, de sua dieta)...

Embora a família de Zeca seja caracterizada de modo chocante e agressivo e a escola demonstre fragilidades e lacunas, não podemos colocar essas duas instituições sociais como culpadas da violência na escola. Cair nesse erro é negar que o *bullying* também é estimulado por questões macroculturais, que transcendem o lar e a escola.

Como pode ser observado em algumas descrições feitas acerca das atitudes de Zeca contra Indra, há características marcantes de desrespeito, comuns na sociedade atual: xenofobia e homofobia. No que se refere à xenofobia, observamos que os costumes indianos do alvo, assim como suas crenças e tradições, foram ridicularizados por não corresponderem aos padrões brasileiros. A homofobia apresentou-se, prioritariamente, na ridicularização do nome do alvo, uma vez que termina com a letra "a", característica comum aos nomes femininos brasileiros, e de suas vestimentas, uma vez que os trajes indianos se assemelham a saias.

Sendo a violência um fenômeno multifacetado, assim também são suas causas, o que nos faz enxergar a necessidade de, pensando na escola, delimitar os limites necessários, sua função social, seu projeto pedagógico, entre outras questões.

**Último capítulo: como construir um desfecho interessante para que a novela do *bullying* possa ter um final feliz?**

Muitos aprendizados sobre *bullying* foram transmitidos através da novela **Caminho das Índias** de forma natural, o que, pode contribuir para a construção de valores e modelos de comportamento nos espectadores, sem que os mesmos os percebam.

O currículo da mídia não tem nenhum caráter impositivo. Chega-se a ele por interesse e deleite, e, pelo mesmo motivo, adere-se a ele. Ao longo de nossas vidas, pelo menos as de quem vive desde a segunda metade do século XX, ele é responsável por boa parcela de nossos aprendizados sobre o mundo, sobre os outros e sobre nós mesmos (COSTA, 2002, p. 10).

Assim, entender os valores implícitos nessa vida fictícia apresentada pela novela, que retrata de forma verídica o cotidiano de muitos espaços educacionais, é uma urgência para o aperfeiçoamento do sistema educacional brasileiro e a mudança de padrões de interação social. É necessário que, no centro dessa reflexão, o *bullying* seja visto e reconhecido, pois, caso contrário, corre-se o risco de que o fenômeno continue no escuro, passando despercebido por milhares de escolas que demonstram dificuldade em percebê-lo e, conseqüentemente, ficam sem condições de preveni-lo e combatê-lo.

A novela foi bem sucedida em evidenciar o problema. Entretanto, reproduzindo a realidade de muitas escolas brasileiras, a narrativa reproduziu a lógica segundo a qual o problema é gerado fora da escola, sendo sua solução advinda do exterior. Assim, o problema é de ordem familiar e a solução vem através de especialistas convidados para esclarecê-lo. Mais grave ainda: além da confusão entre tipos de violência distintos (*bullying* e assédio), difundiu-se que o problema pode resolvido basicamente pelo discurso do esclarecimento especializado, o qual, elemento importante, está longe de, isoladamente, alcançar todas as dimensões desse fenômeno psicossocial complexo, em que se inclui a mudança de padrões comportamentais para a convivência e, nela, o reconhecimento da alteridade na formação dos sujeitos.

Embora a discussão deste estudo gire em torno de uma questão emergente na literatura brasileira, já é possível fazer alguns apontamentos, capazes de direcionar práticas pedagógicas eficazes para minimizar o *bullying*. Por mais invisível e difícil que possa ser, há muitas atitudes a serem tomadas. Pai da pesquisa sobre *bullying*, Olweus (1998) indica que, para a escola enfrentar o *bullying*, é preciso atuar:

- No âmbito macro do estabelecimento, com jornadas de debates, atenção às circunvizinhanças da escola, uma linha telefônica para denúncias anônimas, reuniões com as famílias e os docentes, círculos de pais e comissões docentes para o melhoramento do clima escolar;
- No universo da sala de aula, através do estabelecimento claro de normas contrárias às violências (com punições em caso de quebra), os conselhos de classe, a aprendizagem cooperativa e outras estratégias pedagógicas que favoreçam a interação pró-social entre alunos; e, por fim,
- No nível individual, por meio de conversa com o autor, com o alvo, com os pais, além de grupos de discussão entre famílias dos envolvidos.

Nessa direção, cumpre lembrar que os princípios da Pedagogia Institucional concorrem para todos esses âmbitos: práticas guiadas pelas propostas dessa Pedagogia têm-se demonstrado eficazes para a promoção de um ambiente escolar cujo clima previne a violência (ANDRADE & CARVALHO, 2009).

Além desses cuidados com a escola, vale ressaltar que a atuação com e junto aos familiares é importante, já que o contexto familiar exerce uma influência enorme sobre as crianças: a aprendizagem de padrões pró-sociais desde as primeiras relações, segundo afirmam Moz-Middelton e Zawadski (2007, p. 59) serve como a maior proteção contra comportamentos agressivos posteriores. É bom lembrar que, no caso da novela, isso se confirma, já que os pais de Zeca foram apresentados como maus educadores — oferecendo ao filho péssimos modelos para a convivência.

Ainda em relação à infância, na escola deve-se enfatizar a necessidade de construir políticas de tolerância e de solidariedade, capazes de criar uma cultura favorável à convivência pacífica e respeitosa, uma vez que é sabido que

o *bullying* tem origem na irrupção e falta de controle do sentimento de intolerância nos primeiros anos de vida, cujas conseqüências nas faixas etárias seguintes são atitudes de transgressão e falta de respeito ao outro, as quais tendem a consolidar-se, transformando-se em esquemas mentais e ações de intimidação sistemática contra aqueles que são mais fracos (CONSTANTINI, 2004, p. 68).

É preciso, pois, atentar para a existência de práticas de *bullying* na escola, sem considerá-las como casos corriqueiros. Como lembra Simmons (2004, p.274), “um sistema que se recusa a classificar estes comportamentos como agressão genuína, vai olhar torto para as queixas de agressões indireta, social e relacional”, deixando de criar políticas eficientes de intervenção e prevenção.

Para o reconhecimento do problema, é oportuno criar uma política de esclarecimento, na qual seja possível avaliar o entendimento que toda comunidade escolar tem sobre o *bullying*, identificando as concepções de violência prevalentes. A partir da identificação das concepções prévias, é importante conscientizar a todos sobre o fenômeno. Em particular, a conscientização dos educadores deve ocorrer através de processos de formação contínua. A capacitação dos profissionais da educação é de extrema importância, pois é necessário que os mesmos tenham capacidade de reconhecer a existência do fenômeno, assim como diferenciá-lo de outras manifestações violentas. Além disso, devem saber que é sua função o acompanhamento das crianças envolvidas no *bullying*.

Também devemos nos preocupar com a criação de um ambiente favorável à escuta, criando um clima no qual alvos e também autores possam fazer-se ouvir, tendo considerando as causas e intenções dos seus atos, assim como os sentimentos envolvidos. Quaisquer intervenções pedagógicas precisam ter como foco a relação de respeito, de amor e solidariedade, valorizando-se os sentimentos.

#### **Referências:**

ABRAMOVAY, M. **Escolas de paz**. Brasília: Unesco/Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Violência nas escolas**. Brasília: Unesco/Instituto Ayrton Senna, 2004.

ABRAPIA. **Diga não ao Bullying**: Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br> . Acessado em: 06/03/2009.

ANDRADE, F. C. B.; CARVALHO, M. E. P. (Orgs.) **Instituir para aprender e para ensinar**: introdução à Pedagogia Institucional. João Pessoa: EdUFPB, 2009.

**ESPAÇO DO CURRÍCULO**, v.2, n.2, pp.181-195, Setembro de 2009 a Março de 2010

- ARAÚJO, C. **A violência desce para escola**: sua manifestação no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- BRASIL, Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm> Acessado em 02/11/2009.
- CAMINHO DAS ÍNDIAS. Rio de Janeiro, Rede Globo de Televisão, 2009. Programa de Televisão.
- CATINI, N. **Problematisando o “Bullying” para a realidade brasileira**. 2004. 183 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em [http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_arquivos/6/TDE-2006-10-10T150253Z-1209/Publico/Nilza%20Catini.pdf](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2006-10-10T150253Z-1209/Publico/Nilza%20Catini.pdf) Acessado em 02/11/2009.
- CONSTANTINI, A. **Bullying**: como combatê-lo? São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- COSTA, M. **Ensinando a dividir o mundo**: as perversas lições de um programa de televisão. Revista Brasileira de Educação, nº 20, maio/ago, 2002. Disponível em [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20\\_07\\_MARISA\\_VORRABER\\_COSTA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20_07_MARISA_VORRABER_COSTA.pdf) Acessado em 02/11/2009.
- FANTE, C. **Bullying Escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008a.
- \_\_\_\_\_. **Educação para a paz**: estratégia de prevenção contra o comportamento bullying. Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.br/extraclasse/mai05/ideias.asp>. Acessado em 08/03/2008b.
- \_\_\_\_\_. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2.ed. Campinas, SP: Versus editora, 2005.
- HARNIK, S. **Violência escolar em Caminho das Índias esquentando debate entre pais e professores**. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/ultnot/2009/03/10/ult105u7702>. Acessado em 22/03/2009
- JORNAL DO COMÉRCIO. **Garota perde rim após ser agredida por colegas de sala**. Recife, 29 de agosto de 2009. Disponível em [http://jc3.uol.com.br/jornal/2009/08/29/not\\_344866.php](http://jc3.uol.com.br/jornal/2009/08/29/not_344866.php) Acessado em 02/11/2009.
- MOITA, F. **Games**: Contexto cultural e curricular juvenil. 2006. 173 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Disponível em <http://www.ce.ufpb.br/ppge/Teses/teses06/Filomena%20Maria/Microsoft%20Word%20-%20A%20TESE%20OUT2006%20V3.pdf> Acessado em 02/11/2009.
- MOZ-MIDDELTON, J.; ZAWADSKI, M. **Bullying**: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre, ARTMED, 2007.
- NÃO RECEBI PROTEÇÃO NEM SEGURANÇA, DIZ ALUNA XINGADA. Fantástico, Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão. 01° de novembro de 2009. Programa de Televisão Disponível em <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/O,,MUL1363048-15605,00-NAO+RECEBI+PROTECAO+NEM+SEGURANCA+DIZ+ALUNA+XINGADA.html> Acessado em 02/11/2009.
- O GLOBO. **Menino agredido por ser gago em SP terá que usar colete ortopédico**. São Paulo, 19 de setembro de 2009. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2009/09/19/menino-agredido-por-ser-gago-em-sp-tera-que-usar-colete-ortopedico-767689350.asp> Acessado em 02/11/2009.
- OLWEUS, D. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. Madri, Morata, 1998.
- PAROLIN, I. **Pais Educadores**: é proibido proibir? Porto Alegre, Mediação, 2003.

**ESPAÇO DO CURRÍCULO**, v.2, n.2, pp.181-195, Setembro de 2009 a Março de 2010

RODRIGUES, R. A **(des)construção das identidades femininas nas tramas da telenovela Laços de Família**. 2006. 92p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em [http://www.ce.ufpb.br/ppge/Dissertacoes/dissert06/Rosemary%20Ramos%20Rodrigues/A%20\(DE\)CONSTRU%c7%c3%20DAS%20IDENTIDADES%20FEMININAS.pdf](http://www.ce.ufpb.br/ppge/Dissertacoes/dissert06/Rosemary%20Ramos%20Rodrigues/A%20(DE)CONSTRU%c7%c3%20DAS%20IDENTIDADES%20FEMININAS.pdf) Acessado em 02/11/2009.

RONDELLI, Elizabeth. Realidade e ficção no discurso televisivo. *Imagem*, n° 8, maio/ago, 1998.

SIMMONS, R. **Garota fora do jogo**: a cultura da agressão das meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

TOGNETTA, L.; VINHA, T. **Estamos em conflito**: Eu, comigo e com você! Um estudo sobre o Bullying e suas causas afetivas. In: CUNHA, J. e DANI, L. (Orgs.). **Escola, Conflito e Violências**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.